

Descrição e análise de um livro didático de Português para o ensino médio: questões gramaticais

Description and analysis of a Portuguese textbook for highschool: grammatical issues

Mônica Maria Rio Nobre, professora doutora associada II, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). profa.monica.nobre@gmail.com

Davidson Martins Viana Alves, mestrando em Estudos de Linguagem, bolsista de mestrado e graduando, Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF/CNPq/UFRJ). alves.dmv@gmail.com

Resumo

Objetiva-se descrever detalhadamente a seção de gramática do livro didático de Português *De olho no mundo do trabalho*, de autoria de Ernani Terra e José de Nicola. Faz-se necessário evidenciar a visão teórico-metodológica do guia PNLD 2012 e as afirmações de que o LD realmente deve ser considerado como ferramenta didático-pedagógica fundamental para o ensino formal de qualquer disciplina regular.

Palavras-chave: Livro didático. Língua portuguesa. Gramática.

Abstract

This work describes the "grammar section" of the Portuguese textbook "De olho no mundo do trabalho", by Ernani Terra and José de Nicola. It is necessary to highlight the 2012 PNLD guide theoretical-methodological approach and the claims that the LD should be considered an important didactic-pedagogical tool for the teaching of any subjects.

Keywords: Textbook. Portuguese language. Grammar.

1. Introdução

1.1 Apresentação do livro

Este trabalho busca apresentar e descrever detalhadamente a seção de gramática do livro didático de Português cujo tema é *De olho no mundo do trabalho*. Este livro foi lançado em 2008, pela editora Scipione, e construído pelos autores Ernani Terra e José de Nicola. É importante ressaltar a preocupação dos autores em preparar os alunos para o vestibular e à vida profissional, visto que, em todas as seções ocorre o acréscimo de um capítulo destinado às questões de vestibulares, intitulado separadamente: *Leitura e produção de textos nos exames, a gramática nos exames e a literatura nos exames*, todos no apêndice de cada capítulo. Além disso, o livro possui *boxes* que fazem uma conexão com o conteúdo explorado e uma determinada profissão, sendo distribuídos ao longo dos capítulos e intitulados: *De olho no mundo do trabalho*.

Trata-se, portanto, de um livro didático que realmente se preocupa com a formação dos alunos, porém não de forma efetiva, pois a partir de uma abordagem demasiadamente tradicional acaba não explorando a diversidade linguística e muito menos problematizando o conceito primário e essencial de variação linguística. Dessa maneira, o seguinte trecho de Terra & Nicola (2006) corrobora o postulado supramencionado: “o livro não perdeu uma característica essencial, que gostaríamos de reafirmar: ele foi concebido sob o signo da objetividade e da praticidade sem, contudo, abrir mão do rigor da informação e de um conteúdo abrangente. Nele, os professores e estudantes do Ensino Médio encontrarão todos os itens tradicionalmente (grifo nosso) estudados em aulas de Português”. A partir dessa discussão, faz-se necessário evidenciar a visão teórico-metodológica do guia PNLD 2012 (Programa Nacional do Livro Didático) e as afirmações de que o PNLD atende universalmente o ensino médio do Brasil e de que o LD realmente deve ser considerado como ferramenta didático-pedagógica fundamental para o ensino formal de qualquer disciplina regular.

Nesta perspectiva, observa-se que o livro didático deveria preencher lacunas primeiramente do professor para que este transmitisse aos seus alunos algo efetivamente substancial e completo, que os tornassem capazes de interagir com o outro e com o mundo ao seu redor, como sujeitos sociais concebidos sócio-historicamente e como entidades psicossociais atuantes na atividade constitutiva do ser, a linguagem (FRANCHI, 1977). Enfim, a partir dessa larga discussão, a problemática que surge é a seguinte: Será que o referido livro didático cumpre com o propósito para o qual foi desenvolvido, com as diretrizes do PNLD e, ainda, com os propósitos dialógicos propostos neste presente trabalho?

1.2 Síntese avaliativa da obra

Em princípio, cabe ressaltar que a obra se destaca pela seção de produção textual, pois esta parte explora grandemente a variação de tipos e gêneros textuais, fato que, conseqüentemente, ajuda o aluno a desenvolver suas competências de leitura e melhorar, propriamente, sua produção textual. A obra possui uma perspectiva tradicional em relação à parte de gramática, como evidenciado na apresentação da obra, que se distribui em intensos capítulos de conteúdos da perspectiva normativa da língua caracterizados por um enfoque prescritivo. Por outro lado, a seção de literatura é amplamente explorada tendo seu início na literatura portuguesa medieval e chegando aos autores do século XX. Além disso, a seção é estudada em paralelo com os movimentos históricos, o que possibilita uma nítida transdisciplinariedade, entretanto o excesso de informações históricas se sobrepõe às informações estilísticas e propriamente literárias, tornando os conteúdos bastante exaustivos.

É importante, também, ressaltar a preocupação dos autores em preparar os alunos para o vestibular e à vida profissional, visto que, em todas as seções ocorre o acréscimo de um capítulo destinado às questões de vestibulares, intitulados: *Leitura e produção de textos nos exames, a gramática nos exames e a literatura nos exames*, todos no apêndice de cada capítulo.

Além disso, o livro possui *boxers* que fazem uma conexão com o conteúdo explorado e uma determinada profissão, sendo distribuídos ao longo dos capítulos e intitulados: *de olho no mundo do trabalho*. Trata-se, portanto, de um livro didático que realmente se preocupa com a formação dos alunos, porém não de forma efetiva, pois a partir de uma abordagem demasiadamente tradicional acaba não explorando a diversidade linguística e muito menos problematizando o conceito de variação linguística.

Quanto ao bloco produção e leitura de textos, o aluno possui um acervo bastante vasto de conceitos bem elaborados e desenvolvidos, como: intertextualidade, polifonia, coesão e coerência, níveis de linguagem, modalidades expressivas e adequação sociocomunicativa, sendo a única seção que os autores adotam de maneira eficaz uma ótica mais inovadora.

1.3 Análise do sumário da obra

A obra está organizada em volume único e é constituída de três seções: Produção de textos com 23 capítulos, Gramática que está subdividida em três unidades (Fonologia, morfologia e sintaxe) com 16 capítulos, e Literatura com 19 capítulos. Além dos capítulos de exposição teórica, há os capítulos destinados às questões de vestibular.

A primeira seção (pp. 9-186) trabalha com importantes teorias sobre o texto além de exercícios sobre a obra apresentada no início do capítulo e depois

exercícios ligando a teoria à prática. A segunda seção (pp. 187-336), subdividida em três unidades, trabalha em fonologia: fonemas, grafemas, ortografia e acentuação; em Morfologia: estrutura, forma e classificação das palavras e em Sintaxe: termos da oração, período composto, concordância e regência. A terceira seção (p. 337-564) focaliza os aspectos históricos e trabalha os movimentos literários em sua variedade de representações. A literatura respeita uma ordem cronológica dos movimentos expondo tanto a literatura brasileira quanto a literatura portuguesa.

A obra possui um formato padrão de capítulos em todas as seções, exceto em literatura que não possui a parte de junção de teoria à prática, mas todos iniciam com um texto, depois exercícios, teoria e mais exercícios.

Analisando os aspectos formais, a edição do livro atende aos critérios exigidos tendo ótima legibilidade e colocando todas as referências de obras adequadamente. Todavia, é necessário ressaltar alguns erros na edição que comprometem a qualidade da forma. Como no sumário, em que é sinalizado que um poema de Carlos Drummond de Andrade está na página 46 e, de fato, é lá sua localização, porém na página 23 do livro está escrito que esse poema inicia a seção de gramática, o que não ocorre. Outro problema também ocorre com um poema de Carlos Drummond de Andrade, "*Sinal de apito*", que tem seus últimos versos em outra fonte e até entre parênteses, parecendo não fazerem parte do poema. De maneira geral, o sumário está bem organizado e proporciona ao aluno a possibilidade de encontrar qualquer conteúdo desejado.

2. Delimitação do tema

No que se tange à seção *Gramática* do livro didático *Português – de olho no mundo do trabalho* é possível verificar algumas questões, como o notável desequilíbrio na quantidade de páginas das unidades Fonologia (17 páginas), Morfologia (57 páginas) e Sintaxe (46 páginas) e a falta de outros níveis linguísticos tão importantes como esses explicitados, como a Semântica e o Léxico. Mais adiante se expõem as consequências do menoscabo que há em relação à unidade Fonologia, que se estabelece como a parte que mais contém problemas conceituais, por conta do diminuto desenvolvimento e construção de conhecimento do nível linguístico em voga.

Todos os capítulos têm um texto e exercícios vinculados ao *box* denominado *a gramática no texto*, depois uma teorização normativa e algumas prescrições e, por último, mais exercícios, porém, nessa parte, mais específicos com o *box* que trata *a teoria na prática*. No fim de todos os capítulos há uma parte denominada *a gramática nos exames*. Ao juntar todos os capítulos da seção *Gramática*, temos 22 páginas com esse *box*, que evidencia o caráter tecnicista da obra, *vide* a capa *Português: de olho no mundo do trabalho*.

Buscou-se estabelecer os principais aspectos negativos e positivos referentes à seção *Gramática* expostos nos parágrafos seguintes de forma clara e objetiva. A saber:

Aspectos positivos

- Boa seleção textual (diversidade de gêneros).
- Questões de vestibulares para atualizar o aluno do ensino médio (pp.315-336).
- Fidelidade entre abordagem eleita. *box De olho no mundo do trabalho* (p. 204 “revisor” e p. 221 “secretária executiva”).

Aspectos negativos

- Seção Fonologia: 4 páginas para Fonologia e 12 para ortografia e acentuação gráfica.
- Definições regulares de fonema e dígrafo consonantal (p. 189 e 190).
- Definição ruim de dígrafo vocálico (p. 190).
- Desvio gramatical “num” (p. 191, tema encontro consonantal).
- Definição péssima para prosódia (p. 204).
- Impasse ao classificar <entristecer> e <infelizmente> (derivação parassintética X prefixal e sufixal) (p. 216).
- Tratamento indevido do conceito de discurso ao tratar os pronomes pessoais (p. 234).
- Listas de radicas e afixos greco-latinos (pp. 207-215).
- Confusão entre os conceitos de flexão e derivação. Flexão de grau do substantivo (p. 222) e do adjetivo (pp. 228-229).
- Classificação desatualizada cientificamente sobre os sujeitos. “oculto, desinencial, simples, composto, indeterminado e oração sem sujeito” (p. 265-266).
- Tratamento indevido ao fenômeno da crase. Desconhecimento de qual nível gramatical atrelar esse fenômeno. Colocaram-no como apêndice, mas poderiam atrelá-lo à parte de regência na parte de Sintaxe ou ainda na parte de Fonologia, no que se refere ao princípio de economia linguística (fusão de vogais, no caso) e aos metaplasmos.
- Prescritivismo clássico a la *Appendix prohi*: “(...) aleijar em vez de alejar, estupro em vez de estupro (...)”. (p. 203).

- Falta de esclarecimento em relação à noção de erro. Os autores não concebem a variação linguística. Ex.: “Reescreva as frases em que se escreveu incorretamente o numeral (...) (p. 232, ex. 1).
- Comandos das questões da parte *A teoria em prática* das seções:

Fonologia: “identifique, aponte, faça, complete, preencha as lacunas etc.”.

Morfologia: “dê o significado, classifique, faça como o modelo etc.”.

Sintaxe: “identifique, classifique, destaque, dê a função sintática, complete etc.”

Obs.: Há uma tentativa de desenvolvimento de níveis mais altos de letramento, mas, somente uma tentativa, pois ao chegar à segunda parte do comando nota-se mais uma vez um caráter basilar de produção de conhecimento: “pense na função desempenhada pelas orações e classifique-as” (p. 290, ex.1) e “Aponte a diferença de significado existente entre os dois períodos abaixo”.

Verifica-se, a partir do currículo Lattes CNPq dos autores, uma resposta para a declinação e um maior esforço epistemológico dos autores às seções *Produção de Textos* e *Literatura*, haja vista que Terra e Nicola têm muito mais produções bibliográficas nessas duas últimas áreas do que em gramática propriamente dita. Por isso, nas seções *Produção de Textos* e *Literatura* os autores são mais inovadores e modernos, buscando uma atualização e na seção *Gramática*, no entanto, são mais tradicionais, prescritivistas e normatizadores. Esse fator foi indicado desde a apresentação da obra nas páginas iniciais do referido livro didático, portanto, entende-se que os autores cumpriram com seu intuito plenamente, pois em relação ao tratamento da língua prestigiaram o padrão culto e elitista em detrimento do padrão não-culto e popular. Dessa forma, as críticas que surgiram da seção *Gramática* se constituem apenas por nossas indagações, de alunos que estão na fase final de formação e atualizados nas questões linguísticas recentes.

3. Discussão temática

Sabe-se que a escola, principalmente a pública, sendo que a particular não está isenta, é um instrumento do governo, que junto com a família, as instituições religiosas servem para hominizar e humanizar o ser humano para que esse possa agir e viver em sociedade. Nesse sentido as instituições de ensino desempenham um papel normativizador dentro dos grupos sociais.

Ao se pensar em norma e paradigma é preciso igualmente refletir sobre quem detém a “régua” e os critérios que definirão margem e centro. Atualmente muito se têm posto em discussão a cultura homogeneizante da escola. A quantidade de debates, porém, encontra pouca adesão e, por isso, o ensino tradicional mantém-se em marcha firme.

Em seus primórdios, “primórdios” depois da Revolução Industrial, a escola era direcionada para a classe burguesa e o conhecimento transmitido provinha da tradição europeia, branca e cristã. Os ensinamentos visavam preparar os filhos dos burgueses para dar continuidade aos negócios da família ou ocupar cargos de decisão.

Com o avanço do sistema econômico capitalista, a ênfase e o avanço tecnológico, tornou-se necessário criar mercado consumidor e empregados minimamente capazes de operar toda a parafernália eletrônica. Essa demanda da economia faz com que aos poucos, os governos comecem a ampliar o acesso das classes menos favorecidas ao ensino.

A chegada dessa parcela da população aos estabelecimentos de ensino torna a escola um ambiente de cruzamento cultural, não necessariamente da elite com a classe de menor poder aquisitivo, mas a classe menos favorecida é formada por diversos matizes. Pois, não se pode ignorar que há uma divisão entre as escolas para filhos das classes mais privilegiadas que ocuparão cargos administrativos e de decisão e escolas para filhos das classes menos privilegiadas que ocuparão cargos mais subalternos.

Um dos efeitos da popularização da escola foi a busca por profissionalização e, para as meninas, tornar-se professora é um caminho viável, até porque a cultura judaico-cristã ocidental sempre atribuiu o ensino à mulher, mas não somente às mulheres, aos homens igualmente. O foco, porém, é que as classes menos favorecidas começaram a se tornar professores.

Se antes os professores oriundos da elite tinham conhecimento cultural para buscarem seus materiais, a partir de agora, será necessário equipar os professores com alguma ferramenta que os ponha em contato com um determinado conhecimento para possam transmitir aos alunos. Sobre esse assunto assim escreve a Professora Maria Auxiliadora Bezerra:

A partir da década de 1950, começam a acontecer transformações nas condições de ensino/aprendizagem. (...) Com o aumento da população escolar, ampliou-se o número de professores, que agora não pertenciam mais às classes de prestígio, não detinham uma formação humanística ampla, nem conhecimento mais profundo da língua. No entanto, as propostas de ensino permaneceram praticamente as mesmas, ou seja, de análise gramatical, embora juntamente com o estudo de textos (...). Se os professores mudaram e não responderam às exigências dessa prática de ensino gramatical, surgem os livros didáticos (com textos, lições de gramática e exercícios) para suprirem as lacunas de conhecimento desses professores. Agora, sobretudo a partir da década de 1970, não é mais dada a eles a responsabilidade de prepararem suas aulas e exercícios, como antigamente. Isso compete ao autor do livro didático. (BEZERRA, 2010, p. 45).

Pelo breve percurso do livro didático, verifica-se que houve uma perda de autonomia, por isso o PLND destina-se às escolas públicas. A sensação é de que o “populacho” precisa ser monitorado e que não se pode confiar em sua fidelidade. Fazem-se concessões, mas sem alterar a estrutura.

Conforme apontado pela professora, o livro didático deveria preencher lacunas primeiramente do professor para que este transmitisse aos seus alunos algo substancial e completo que o tornasse capaz de interagir com o mundo ao redor. Mas será que o livro didático cumpre com o propósito para o qual foi desenvolvido?

A resposta é negativa. A necessidade de haver uma comissão que avalie a qualidade dos livros e a presença dos professores na escolha de cada um revela que muitos, ao perceberem na feitura de livros didáticos uma boa fonte de lucros, passaram a produzir materiais pouco idôneos, gerando então, a necessidade de uma maior fiscalização.

4. Considerações finais

O livro utilizado como *corpus* foi analisado nas páginas anteriores de acordo com suas repartições internas: Produção Textual, Gramática e Literatura. Conforme se pôde verificar, o manual apresenta pontos positivos como pontos negativos, semelhante à vida, nada é totalmente bom ou totalmente ruim.

Os dois autores possuem suficiente conhecimento e expertise na confecção de livros didáticos e são considerados campeões de vendas. Somado a isso, os dois autores apresentam conhecimento atualizado conforme se pode ler na bibliografia, nas citações ao longo da obra e na própria apresentação do livro. Para efeito de demonstração, segue parte de entrevista dos autores, Ernani Terra e José de Nicola, respectivamente, seguida de parte da apresentação trazida no próprio livro.

(...) As regras estabelecidas pela gramática normativa são pouco eficazes, uma vez que não refletem de modo adequado o fato social que normatizam (o uso concreto que os falantes fazem da língua, mesmo em textos escritos, é diferente do que a gramática normativa preconiza, lembremo-nos do caso da mesóclise já citado) (...). Geralmente, só obedecemos à norma gramatical em circunstâncias bem definidas, como é o caso das situações em que se requer um uso formal da linguagem. (<http://www.ernaniterracombr/o-conceito-de-norma.php> - acessado 25/10/2013)

Quais são as maiores carências dos estudantes de hoje? Como supri-las?

A resposta a essa pergunta poderia gerar um tratado. Arrisco uma possibilidade, entre tantas outras: premido pela sociedade tecnológica, atingido por uma avalanche de informações que circulam pela rede mundial (com muito “lixo eletrônico”), o jovem de hoje não tem tempo e formação para selecionar, relacionar, pensar essas informações. A escola deve formar o aluno para viver

de forma saudável nessa sociedade, desenvolvendo o senso crítico, dando-lhe ferramentas para ele efetivamente pensar o mundo em que vive. (<http://blog.aticascipione.com.br/entrevistas/a-escola-como-espaco-de-ontraponto?Exec=1> - acessado em 25/10/2013)

Passados sete anos de seu lançamento, esta obra, que sempre teve uma carinhosa receptividade por parte de professores e alunos, pedia uma atualização. Afinal, nesse período, a prática de ensino de conteúdos gramaticais, das escolas literárias e de seus autores mais representativos e, principalmente, de leitura e produção de textos passou por significadas mudanças. (...) Mas o livro não perdeu uma característica essencial, que gostaríamos de reafirmar: ele foi concebido sob o signo da objetividade e da praticidade sem, contudo, abrir mão do rigor da informação e de um conteúdo abrangente. Nele, os professores e estudantes do Ensino Médio encontrarão todos os itens tradicionalmente (grifo nosso) estudados em aulas de Português. (TERRA & NICOLA, 2006, p. 3)

Comparando o discurso dos autores com o material por eles construído, é inevitável perceber que há certa discrepância ideológico-discursiva, pois, principalmente, na seção gramática, os conteúdos são trabalhados por uma vertente tradicional, enquanto nas outras seções se trabalha com conteúdos mais fluidos, atualizados e completos. A hipótese que pode ser levantada aqui é que há dois vetores atuando na confecção: o primeiro se refere à preocupação para atender os requisitos básicos exigidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), tendo em vista que a transgressão de tais princípios pode significar a "não recomendação" do material, por outro lado, o segundo se refere ao receio de que a ruptura radical com o método tradicional de ensino do português possa acarretar uma rejeição por parte dos professores.

Os escritores precisam habitar uma região de fronteira e nem sempre é fácil conciliar tradição e modernidade. Pelo pensamento Iluminista, uma excluiu a outra, pois, a tradição é entendida como cheia de obscurantismo e misticismo enquanto a modernidade prima pela razão e tecnicidade.

Em linhas gerais, o livro consegue executar o que se propõe a fazer. A abordagem segue a linha tradicional, por isso, a presença de exercícios com sentenças soltas autônomas do texto. O que pode ser considerado erro de acordo com perspectivas descritivas da linguagem não é erro dentro do olhar consagrado pela Tradição/NGB prescritivista. Sendo assim, o autor condiz plenamente com sua abordagem.

Outro aspecto interessante é trazer o *box* intitulado *De olho no mundo do trabalho*, em que é mostrado a aplicabilidade dos conteúdos apresentados. Por exemplo: capítulo 1 de gramática – Fonologia – na página 190 explica sobre as funções do fonoaudiólogo. Mostrar as profissões nesse momento do ensino é importante, porque é o momento em que o jovem deve decidir os rumos em relação

ao Ensino Técnico ou Ensino Superior. Além disso, os alunos surgem com a célebre pergunta: “para que eu devo aprender isso? Para que servirá isso na minha vida?”. Receber respostas a tais perguntas auxilia no despertar de vocações e também retira a sensação de vazio que invade os estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem.

Como educadores, então, é preciso pensar sobre o seguinte postulado: o livro didático é um instrumento e tudo dependerá do uso que o professor fará dele. Tal concepção apontada pela professora encontra eco no próprio Guia PNLD 2012 que denomina o livro didático de “ferramenta didático-pedagógica”.

É importante que o professor adote uma postura crítica em relação ao material. Levar os alunos à reflexão de cada conteúdo para além da gramática e, quando possível, pois o tempo das aulas, o número de alunos em sala e o desejo por aprender são fatores que podem atrapalhar bastante o fluxo da construção de conhecimento. Deve-se levar os alunos à análise da língua que eles usam para todas as situações cotidianas, pois, ainda que não se aprofunde o livro didático, tangencia assuntos interessantes que estabelecem diferenças entre fala e escrita, como na página 66.

Levando em conta tudo o que foi postulado e estabelecendo uma proporcionalidade entre aspectos positivos e negativos da presente obra e, verificando que aspectos positivos sobrepujam aos negativos, opta-se por conferir ao referido material didático o *status* de recomendado.

Referências bibliográficas

BEZERRA, M^a. A. “Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos”. In: BEZERRA, M^a. A.; DIONISIO, A. P.; CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino do português**. São Paulo: Contexto, 2010.

NICOLA, J. de; TERRA, E. **Português: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

PNLD. **Guia de Livros Didáticos: Língua Portuguesa**. Ensino Médio. 2012. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guia-do-livro/item/2988-guia-pnld-2012-ensino-m%C3%A9dio>. Acesso em: 01 set. 2015.

FANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. **Mas o que é mesmo “gramática”?** (org. Sírio Possenti). 2^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.